REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE



CIRANDA DE SUJEITOS E DE AÇÕES: GIRANDO UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CORAL INFANTOJUVENIL

RING AROUND THE ROSEY OF PEOPLE AND ACTIONS: REVOLVING A CHILDREN´S CHOIR EDUCATION PROJECT

Débora Andrade
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, São João del-Rei/MG, Brasil

Carolina Vilela Domingues
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, São João del-Rei/MG, Brasil

Lorena Vaz Gonçalves
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, São João del-Rei/MG, Brasil

Resumo: Esse trabalho relata uma experiência de estruturação de um programa de extensão universitária, em instituições pertencentes à Educação Básica e ao terceiro setor, no âmbito de um curso de Licenciatura em Música. Após uma breve contextualização, são apresentados os fundamentos teóricos do trabalho, o conjunto de ações e sujeitos que as desenvolvem e uma análise dos aprendizados decorrentes da colaboração entre a universidade e a comunidade. O relato é concluído com uma autocrítica, que ressalta aspectos do programa a serem melhorados, a partir de ações que permitam a comunidade externa à universidade assumir um maior protagonismo e visibilidade acadêmica.

Palavras-chave: Coral infantojuvenil. Extensão universitária. Interação dialógica.

Abstract: This work is an experience report on the structuring of a university extension program, in school and non-school institutions, as part of a university teacher training course. After a brief contextualization, the theoretical foundations of the work, the set of actions and subjects that develop them and an analysis of the learning resulting from the collaboration between the university and the community are presented. The report concludes with a self-assessment, which highlights aspects of the program to be improved, based on actions that allow the non-university community to assume greater protagonism and academic visibility.

Keywords: Children´s choir. University extention. Dialogical interaction.

ORGANIZANDO A CIRANDA

Ciranda pode ser compreendida como uma “brincadeira de roda com que se divertem as crianças [e como] canto e música próprios desse brinquedo” (BUENO,

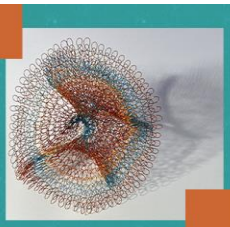


2018, p.107). Por ser ela, naturalmente, brincada em círculo, permite que todos os sujeitos que a compõem mudem de lugar, sem que assumam posição hierárquica, em relação uns aos outros.

Dessa forma, compreendemos o processo de estruturação do Programa Benke: corais infantojuvenis da UFSJ, que é objeto desse relato de experiência - como uma ciranda de sujeitos, cujas diferentes e complementares ações dão suporte para o ensino de canto coletivo, entre crianças e adolescentes. Trata-se, portanto, de um programa extensionista, financiado pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de São João del-Rei (PROEX-UFSJ) e desenvolvido no âmbito de um curso de Licenciatura em Música que, há sete anos, oferece oficinas de canto coral para crianças e adolescentes de instituições escolares ou vinculadas ao Terceiro Setor.

Em relação à filosofia de educação, o programa pretende romper com o modelo educacional instaurado no Brasil, no contexto do Canto Orfeônico. Isso se dá, principalmente, na abordagem de um repertório atualizado, cujo fim não é a educação moral ou nacionalista, e na adoção de uma pedagogia vocal que inclui crianças que apresentam diferentes comportamentos músico-vocais – contrariando orientações pedagógicas históricas que visavam, em sala de aula, à separação dos alunos entre afinados ou desafinados (FERRARA, 1947, p.49), os de boa voz ou “os demais” (FONSECA, 1961, p. 11) e os “elementos bons” ou os “elementos negativos” (VASCONCELLOS, 1926, p. 324).

Do contrário, o programa abraça a noção defendida por Phillips (2014), Bourne (2009) e Bartle (2003), de que todas as crianças e adolescentes deveriam ter oportunidades iguais de desenvolvimento de sua musicalidade e da voz cantada,



sob o risco de que se fomente a "ideia de 'elitismo musical', numa idade em que justamente o oposto deveria acontecer" (PHILLIPS, 2014, p.18, tradução nossa)[1].

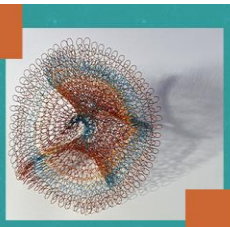
A escolha do canto coral, enquanto metodologia de educação musical, pelo referido programa, se deu por motivos musicais e extramusicais dois quais, destacamos dois. A princípio, comunidades de diversos setores da sociedade têm optado por essa ferramenta educacional, por acreditar que ela não demanda grandes investimentos financeiros, uma vez que os coristas trazem em seus corpos seu próprio instrumento musical, qual seja a voz (MOREIRA, SILVA, 2018; MORAIS, 2018; CAVALCANTI, SILVA, GOMES, 2017; SOBREIRA, 2013; FONTERRADA, 2008).

Em segundo lugar, além de propiciar uma vivência musical ativa - o corista faz música com o corpo - e não apenas apreciativa, como é o caso de quando apenas assistimos a uma apresentação musical, as aulas de canto coral podem ser otimizadas para a construção de conhecimentos musicais previstos pela Base Nacional Comum Curricular, sobretudo, na Educação Básica. Sobre isso, Schimiti afirma:

> Eis a grande oportunidade de se ativar processos globais do pensamento humano, tais como reflexão, de comparação, de reformulação, de aprimoramento, de conclusão. Abre-se [...] a possibilidade de vivenciar o fruto do equilíbrio entre sentimento e racionalidade, chave do sucesso de todo atividade artístico-musical. [...] apresenta-se como o momento de se exercitar todos os parâmetros musicais; uma vez estimulado, cada cantor será capaz de demonstrar sua habilidade de expressar música com compreensão, com técnica, usufruindo [...] do grande prazer de realiza-la artisticamente. (SCHIMITI, 2003, p.109).

Entretanto, o resultado artístico de uma proposta de coro infantojuvenil, em comunidades, sobrepuja as ações de natureza pedagógico-musical, tais como planejamento de aulas coral, treinamento técnico-vocal, ensino de canções e de

[1] *(…) is it may tend to foster the ideia of musical 'elitism' at an age when just the opposite should be occurring.*



conhecimentos musicais. Nos bastidores dessa prática, há um número grande de ações, mobilizadas por toda uma comunidade, muitas vezes invisibilizada nos trabalhos acadêmicos e nos relatos de construção artística coletiva, sem a qual esse resultado ficaria comprometido.

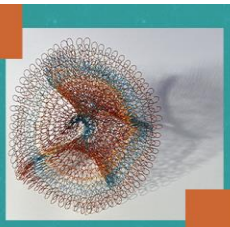
Nesse sentido, esse relato pretende descortinar um grupo de ações comunitárias que edificam e que sustentam esse programa extensionista de coros infantojuvenis, mobilizadas pela comunidade acadêmica e externa, em um processo de interação dialógica, no qual comunidade e universidade produzem e compartilham conhecimento entre si, em uma via de mão dupla (FORPROEX, 2012).

Na primeira parte, desse trabalho, declina-se o aporte teórico, que o sustenta, filosoficamente. Em seguida, desvela-se o papel dos sujeitos colaboradores do Programa em questão e suas respectivas ações. Então, após uma avaliação dos resultados dessa colaboração, esse relato é concluído com uma autoavaliação crítica, como se verá, a seguir.

A TRILHA SONORA

Uma das diretrizes que orientam o desenvolvimento de relações entre a universidade e os variados setores sociais é a interação dialógica, que prevê, como princípios, o diálogo e a troca de saberes entre esses espaços de conhecimentos. Portanto, com fins a substituir o discurso da hegemonia acadêmica pela ideia de aliança com setores da comunidade, em torno do desenvolvimento de variadas ações de um programa de extensão, a interação dialógica propõe que se supere a ideia de

> estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade [...] [com fins a] produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo [...]em uma ação de mão dupla: da Universidade para a sociedade e da sociedade para a Universidade. (FORPROEX, p.30).



Ainda de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária, essa interrelação é importante, sobretudo, para que seja possível "a oxigenação da própria universidade" (IDEM, p. 17), sem a qual ela "corre o risco de ficar isolada, ensimesmada, descolada dos problemas sociais" (IBIDEM, p.23).

No fluxo desse raciocínio de entender as limitações da universidade, enquanto espaço formativo e de produção do conhecimento, ao compartilhar sua compreensão a respeito da formação docente, Nóvoa (2017) alerta para a necessidade de se criar um lugar híbrido de vínculo entre distintas realidades. Trata-se de um "entre lugar", cuja força se encontra "na possibilidade de construir novos entrelaçamentos, que vão muito além da tradicional relação universidade-escolas" (NÓVOA, 2017, p.1116.). Trata-se, portanto, de um processo de colaboração entre espaços, em cujo lugar de encontro os sujeitos produzem uma terceira realidade, a partir da soma das partes.

Embora o professor supracitado faça referência à relação entre universidade e escolas de Educação Básica – ambos espaços formais -, no contexto da formação docente, simbolicamente, aplicamos ao nosso contexto de extensão essa noção de um novo lugar de aprendizagem, de "entre-lugar", de uma terceira realidade, onde se dá uma ciranda de sujeitos, que colaboram entre si, em um motivo comum: a educação musical de crianças e de adolescentes, via canto coral.

Esses referenciais possuem em comum a noção de que a produção do conhecimento e da formação profissional se dá na partilha de conhecimento entre universidade e sociedade e na geração de novos conhecimentos, a partir desses encontros. Dessa forma, julgamos ser esse o principal fundamento que justifica a importância de se desenvolverem ações, em um programa extensionista universitário, na e com a sociedade, considerando-a não apenas como parceira, mas também como produtora de conhecimento.

Nesse sentido, as próximas sessões se dedicam a descrever parte das ações desenvolvidas por diferentes sujeitos do programa, bem como a apresentar os aprendizados resultantes dessa colaboração.

A CIRANDA: ENTRELAÇANDO SUJEITOS E AÇÕES

De acordo com a compreensão apresentada na introdução, a ciranda (Figura 1) da qual nos referimos é composta por diferentes sujeitos, quais sejam crianças e adolescentes, pertencentes a escolas de Educação Básica e/ou a instituições do Terceiro Setor, pais, responsáveis e demais pessoas interessadas no programa, professores(es) e gestores(as) escolares, docente universitário, discentes bolsistas e voluntários e representantes da uma Pró-reitoria de Extensão Universitária (PROEX).

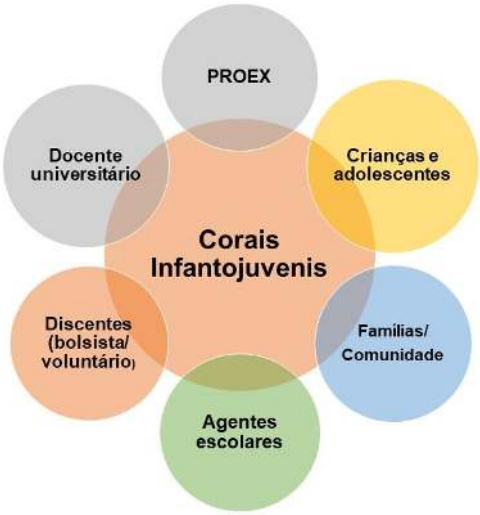
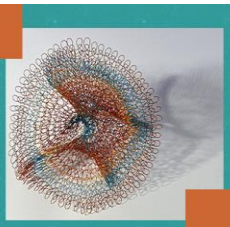


Figura 1: Ciranda de colaboradores do Programa Benke: corais infantojuvenis da UFSJ.

Fonte: Elaboração própria

Os discentes bolsistas do programa são escolhidos na ocasião da publicação de um edital, pela coordenação do programa, que estabelece uma lógica de



pontuação cumulativa (Quadro 1), que inclui critérios como: ênfase de formação na licenciatura, disciplinas cursadas – existem quatro delas frequente e alternadamente ofertadas - e cursos de curta duração, concluídos no campo coral infantojuvenil, tempo de voluntariado no programa e carta de interesse, que justifique a importância dessa experiência para a formação docente do candidato.

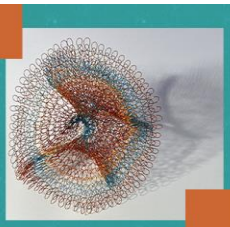
Modalidade	Critérios	Pontuação
Ênfase	Educação Musical (2 pontos) Instrumento (1 ponto)	
Disciplinas cursadas no campo	2 pontos por disciplina	
Cursos concluídos no campo	1 ponto para cada 15 horas	
Tempo de voluntariado no programa	2 pontos por semestre	
Total		

Quadro 1: Critérios de seleção de bolsista para o Programa Benke: corais infantojuvenis da UFSJ

Fonte: Elaboração própria

Toda a documentação é recebida pela coordenação por *email*. O critério de desempate se dá pelo maior índice acadêmico, disponibilizado nos históricos escolares dos candidatos, solicitados, quando necessário, posteriormente à contabilização dos pontos.

A diferença de pontuação atribuída às ênfases do curso tem relação com a formação do olhar para a educação musical. Embora seja um curso de licenciatura, geralmente, os instrumentistas constroem um percurso acadêmico com vistas à performance instrumental, enquanto espera-se que os egressos da educação musical atuem, sobretudo na Educação Básica, a partir de pedagogias musicais voltadas para grupos.



Os discentes voluntários ingressam no programa, após reunião com coordenação do programa, motivados pelo interesse em conhecer a pedagogia coral ou em cumprir horas acadêmicas na extensão universitária. Especialmente, nesse semestre, a participação de alguns dos voluntários nas atividades de um dos coros foi efetivada pela necessidade de cumprimento das diretrizes, previstas na Resolução n.7 de 18 de dezembro de 2018. Essas "regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos" (BRASIL, 2018a), tornando obrigatória a participação discente extensão em, pelo menos, dez por cento da carga horária total de seu curso. Em outras palavras, os alunos inscritos na disciplina Regência e Pedagogia do Canto Coral Infantil precisaram cumprir parte da carga horária em uma das ações de extensão do programa.

Para que haja ciranda, a aproximação entre comunidade interessada e o Programa Benke é feita tanto pela comunidade universitária (docente e discentes), que apresenta a proposta, quanto por representantes comunitários e escolares.

Quando as atividades são desenvolvidas no âmbito da Educação Básica, essa aproximação se dá de duas formas: i. a coordenação do projeto acessa gestores de escolas públicas, municipais ou estaduais, apresentando-lhes um projeto detalhado da proposta de educação coral, para os diversos anos do Ensino Fundamental; e ii. gestores e/ou professores escolares fazem contato com a coordenação do programa, por "ouvir falar a respeito", após sua divulgação nas mídias internas e externas à universidade (programas de rádio e redes sociais).

De outro modo, na criação de coros infantojuvenis não escolares, esse movimento é feito por líderes comunitários. Além do que, a cada semestre, um grupo de licenciandos em Música e/ou o coordenador do programa faz contato com e visita escolas, que, por sua vez, autorizam a distribuição e o recolhimento de formulários de inscrição, assinados por familiares, permitindo a participação dos alunos em

grupos corais, que se reúnem aos sábados – grupos que se veem frequentemente esvaziados, em decorrência dos sábados letivos.

Tanto na Educação Básica quanto em outras instituições, as aulas são realizadas em espaços providenciados pelas escolas ou por representantes comunitários.

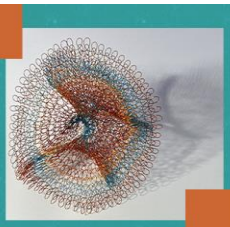
Adotando uma metodologia que envolve o ensino de canções a uma ou mais vozes, de expressão corporal, de técnica vocal, de conhecimentos musicais, bem como dinâmicas de socialização (brincadeiras com fins à aproximação e à interação entre as crianças), essas aulas são conduzidas por discentes bolsistas ou voluntários (Figura 2) de um curso de Licenciatura em Música, acompanhados de um docente orientador, que realiza intervenções, quando necessárias, e que os orienta na elaboração dos planos de aula.



Figura 2: Bolsista no contexto da Educação Básica

Fonte: Arquivo pessoal

De maneira geral, as aulas dos corais se baseiam nos seguintes procedimentos i. relaxamento corporal; ii. exercícios respiratórios; iii. aquecimento vocal; iv. aprendizagem de uma nova canção; v. atividade de musicalização e/ou de socialização e vi. revisão de canção previamente aprendida.



No relaxamento corporal, são trabalhados exercícios de rotação de ombros, pescoço, quadris, língua, dentre outros, com fins a minimizar e/ou evitar tensões musculares, que poderiam impedir uma expressão vocal saudável. Com relação à respiração são trabalhados exercícios que ajudam a criança a aproveitar melhor sua capacidade pulmonar de armazenamento de ar e a administrar a utilização desse ar, sobretudo na realização de fraseados musicais que não podem ser interrompidos pela respiração.

Durante o aquecimento vocal são trabalhados exercícios vocais que desenvolvem a ressonância das cavidades faciais, a articulação de textos complexos, a ampliação da quantidade de notas que as crianças conseguem cantam, a unificação das vogais emitidas pelo grupo, a projeção sonora, a depender dos desafios técnicos impostos pelas canções a serem aprendidas.

As canções são ensinadas por audição e repetição de pequenos trechos, sem o auxílio de partituras (registro gráfico musical) ou de letras impressas. Por sua vez, as atividades de musicalização (parlendas, exercícios de prontidão e atenção) ou de socialização (interação por brincadeiras de roda), para além dessas funções, são acionadas sempre que se percebe que o grupo se mostra cansado ou disperso.

Tanto na ocasião do aquecimento vocal, quanto no aprendizado do repertório, procura-se desenvolver sonoridade do coro, pelo cuidado com a afinação e com o caráter expressivo (alegre, triste, assustador, angelical, dentre outros) de cada canção. Quase sempre, esse ensino se dá por meio de ferramentas visuais (brinquedos ou desenhos que ilustrem a intenção musical desejada), auditivas (explicações verbais, exemplos vocais, exemplos musicais gravados) e sinestésicas (movimentos corporais que acompanham expressão vocal).

Quando o coro é desenvolvido na Educação Básica, com fins a atender às demandas desse contexto, uma outra estratégia pedagógica é incorporada à proposta: o ensino de conhecimentos musicais, orientado pelos componentes

curriculares dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da área Artes/Música, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018b). Para tal, tanto o repertório de canções, quanto de exercícios vocais são musicalmente analisados, no intuito de que se encontrem possibilidades de operacionalização desses componentes curriculares.

Com fins à formação pedagógica e reflexiva - para o campo do canto coral infantojuvenil escolar ou comunitário - do licenciando que atua no programa, são criadas disciplinas optativas, são realizadas oficinas e reuniões pedagógicas, nas quais o conhecimento teórico é questionado, a partir da realidade social, além do que se elaboram planos de aula e materiais pedagógicos (Figura 3).



Figura 3: Dedoches de borboleta e peixinhos de feltro utilizados pelos coristas, para performance corporal e representação visual de movimentos sonoros ascendentes e descendentes, no repertório de canções e de exercícios vocais.

Fonte: Arquivo pessoal

Quando possível, são realizadas reuniões pedagógicas presencial e/ou remotamente, com licenciandos e membros da comunidade, a fim de planejar nova ações, de avaliar as que se encontram em desenvolvimento, de discutir a respeito de referenciais bibliográficos, de apresentar novos materiais pedagógicos, bem como novas canções e novos exercícios vocais.

O conjunto de canções, de exercícios vocais, de brincadeiras e de dinâmicas de socialização é, muitas vezes, elaborado e descortinado, no contexto das disciplinas, criadas para tal. Este aprendizado é, com muita frequência, incorporado à rotina das comunidades, por meio das professoras ou familiares, que acompanham as aulas de canto coral. Outras vezes, o repertório dos sujeitos universitários é ampliado, a partir da apresentação de um novo repertório, pelas próprias crianças que participam dos coros – canções e brincadeiras de cunho midiático (aprendidos por elas, em contato com programas de televisão, com o rádio e/ou com as redes sociais) ou de tradição oral (passados comunitariamente, de geração para geração). Em outras palavras, o conjunto de atividades é, muitas vezes, construído pela interação dialógica: a comunidade aprende o que ensinamos e nós aprendemos o que ela nos ensina.

Para além disso, os alunos do curso de Licenciatura em Música viajam com os corais e assumem outras ações como: i. a composição de canções e a elaboração de arranjos musicais para os coros – e isso acontece dentro e fora das disciplinas do curso; ii. a elaboração de cartazes de divulgação e de programas de concertos, a serem distribuídos para a plateia, de formulário de inscrição e iii. a elaboração de relatórios anuais das ações desenvolvidas, bem como e de comunicações científicas (artigos e relatos de experiência).

Percebe-se, nesses sete anos de desenvolvimento do programa, que as comunidades parceiras vêm, cada vez mais, se tornando protagonista das ações que o compõem. As famílias, voluntariamente, assumem funções e se dedicam a encontrar soluções para as mais variadas demandas dos grupos, como é o caso de um coro não escolar de adolescente, inscrito em um festival de corais, fora de seu município de origem.

Nessa ocasião em que a Pró-reitoria de Extensão Universitária (PROEX/UFSJ) forneceu o transporte por ônibus (Figura 4), além de nos

acompanhar e de auxiliar no cuidado dos jovens, as famílias envolvidas captaram recursos financeiros para alimentação dos coristas, a partir da organização coletiva de rifas.



Figura 4: Viagem do Coral da Vibratos Escola de Música (Resende Costa)

Fonte: Arquivo pessoal

Em outra ocasião, num contexto em que irmãos de coristas, acompanhados de seus pais e sem idade suficiente para participar da atividade, apenas assistiam ao ensaio do coro, uma mãe pedagoga propôs a criação uma ação paralela: o Cantinho da Brincadeira (Figura 5) – um espaço no qual essas crianças teriam atividades lúdicas livres e direcionadas por ela, tal como a exploração de instrumentos e objetos sonoros[2].

[2] De acordo com Gisele Cruz, "o canto coral não é recomendado para crianças abaixo de seis anos. Nessa idade, elas ainda não apresentam maturidade vocal, física e intelectual para a atividades. Isto não significa que elas não possam cantar. Não só podem como devem. Mas dentro de um contexto lúdico, sem que haja expectativa de resultado estético" (CRUZ, 1997, p.13)



Figura 5: Cantinho da Brincadeira

Fonte: Arquivo pessoal

Muitas vezes, por convite ou por iniciativa própria, professoras e artistas da comunidade fazem parte da equipe de instrumentistas, durante as aulas e durante as apresentações públicas. Na figura 6, por exemplo, professoras que participam das atividades de canto coral junto com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola estadual, após treinarem durante todo o segundo semestre do ano 2022, fizeram o acompanhamento instrumental, na ocasião do concerto de encerramento de final de ano e de entrega dos boletins escolares.



Figura 6: Professoras de uma escola estadual tocam metalofones em um concerto de encerramento de ano

Fonte: Arquivo pessoal

Por sua vez, a figura 7 mostra a participação do capoeirista Jailson dos Santos Pinto, que passa a fazer parte da equipe do programa, após conhecer e se interessar pelo grupo, ocasionalmente, durante um passeio matinal. Além de compor a equipe de instrumentistas, que acompanham as músicas do coro, a ele é oferecida uma parte do tempo de aula para compartilhar e nos ensinar canções e jogos de capoeira, por meio dos quais, alinhados aos ritmos brasileiros e de matriz africana, as crianças têm a sua corporeidade desenvolvida.



Figura 7: Capoeirista da comunidade e violonista/aluna da universidade

Fonte: Arquivo pessoal

De outro modo, enquanto grupos de mães se reúnem para confeccionar batas personalizadas, a serem usadas pelas crianças nas apresentações públicas, a comunidade escolar confecciona cenários e figurinos, de acordo com o tema do musical a ser apresentado aos pais, pelos alunos.

Para além disso, os(as) professores(as) responsáveis pelas crianças não típicas nos orientam com relação aos procedimentos necessários para intervenção,

por exemplo, em situações de desregulação emocional e, sobretudo, com relação à adaptação de nossas atividades musicais, com fim à inclusão dessas crianças no coral – um aprendizado nem sempre garantido aos nossos licenciandos em Música, na Educação Superior.

Finalmente, toda essa ciranda de ações, que tentamos sintetizar no esquema da figura 8, só é possível, após a elaboração de um projeto, por um docente universitário e sua submissão, às vezes anual, a um edital da PROEX/UFSJ, cuja vinculação tem sido fundamental, sobretudo, para que consigamos o apoio e a confiança das comunidades parceiras. Esse órgão, também, nos fornece suporte, dentro de suas possibilidades, como apoio financeiro (bolsas) para discentes, transporte para os coros e impressão de certificados para comunidade externa.

Para avaliar o resultado de nossas ações, consideramos como critérios, principalmente, o desenvolvimento da sonoridade musical dos grupos e o engajamento dos integrantes dos coros. O desenvolvimento sonoro do grupo, observado, simplificadamente, pela capacidade de cantar sem gritar, de cantar afinado e/ou a mais de uma voz, nos ajuda a rever nossas estratégias pedagógicas. Por sua vez, a evasão ou a permanência dos jovens nos corais nos informa sobre a necessidade de que sejam repensados dias, horários e locais de ensaio, bem como a necessidade de que se revise o repertório de canções proposto.

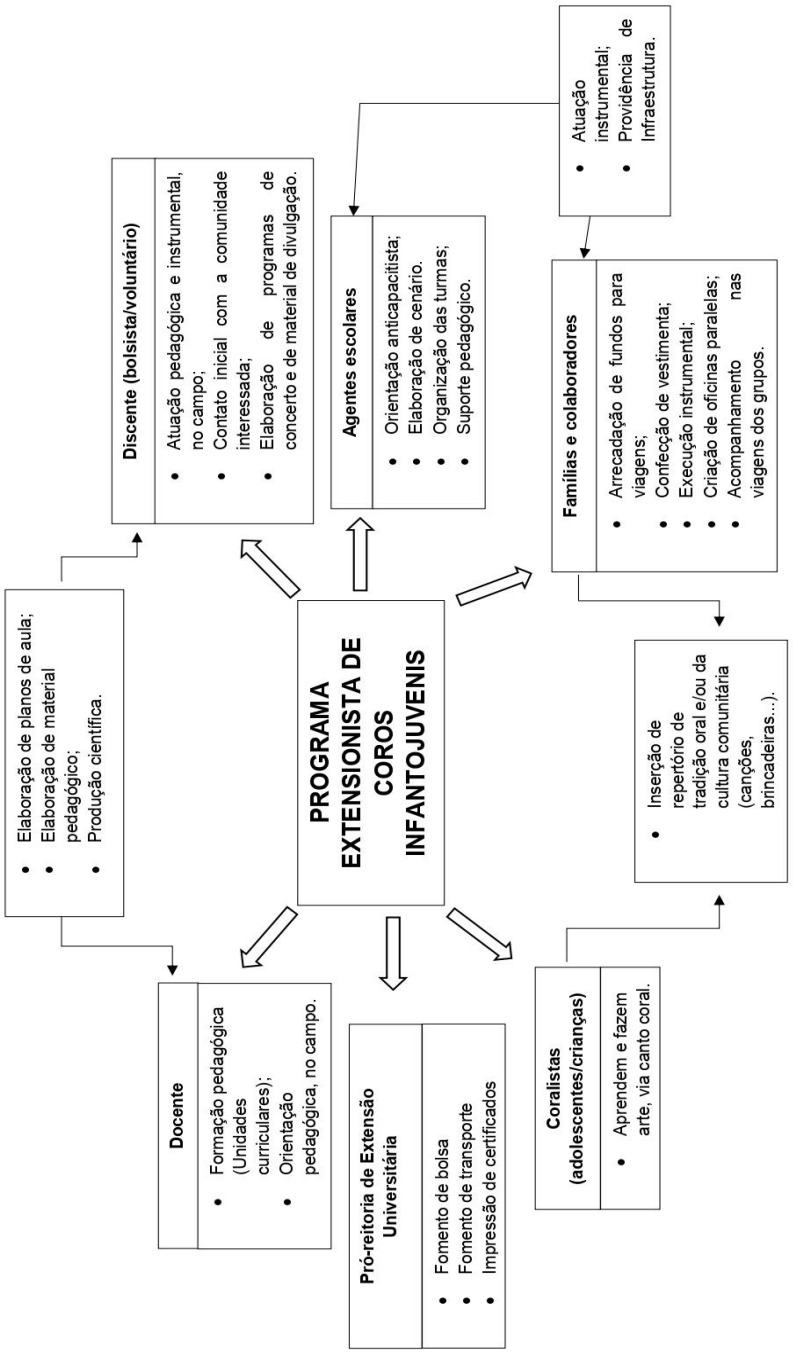
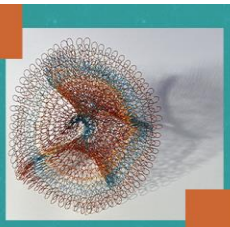


Figura 8: Esquema de sujeitos e de suas respectivas ações

Fonte: Elaboração própria



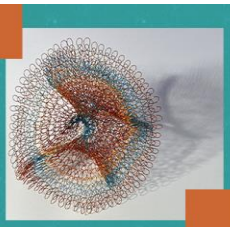
GIRANDO E ENTRELAÇANDO CONHECIMENTOS

A partir da ciranda de sujeitos e suas respectivas ações, em colaboração, descrita na sessão anterior, é possível identificar trocas de conhecimento e de aprendizagem entre as comunidades acadêmica e externa à universidade.

Às crianças e aos adolescentes, nós ensinamos técnica vocal, um repertório de canções, de brincadeiras, de dinâmicas de socialização e propiciamos um espaço para a construção de conhecimentos musicais, orientados pela BNCC – quando não necessariamente as escolas dispõem de professores de música, em seus quadros docentes efetivos.

Em contrapartida, enquanto comunidade acadêmica, atualizamos nossa prática, a partir da apreensão de um novo repertório musical (canções) e de atividades de socialização (brincadeiras e dinâmicas), de tradição oral, academicamente não legitimados e naturalmente ricos em possibilidades de performance artística, bem como de letramento musical. O do espaço de ensino com o capoeirista, por exemplo, nos permite a vivência de ritmos afro-brasileiros e de experiências de expressão corporal, diferentes das previstas pelo modelo coral. Enquanto isso, através da nossa prática, ele entende que a fragilidade natural das musculaturas envolvidas na produção da voz infantil não permite que peçamos a elas para gritar ou para cantar mais forte.

No contexto da Educação Básica, somos educados sob uma visão pedagógica anticapacitista, quando recebemos da comunidade escolar orientações relacionadas à adoção de procedimentos pedagógicos, que permitem a inclusão de crianças atípicas, nas atividades musicais. E nesse contanto com um público pluralmente musical – resultado da nossa opção por uma educação musical que não exclua alunos, via seleção vocal -, entendemos que os resultados artísticos, que, no senso comum, se evidenciam mais fortemente no canto afinado, de acordo com os padrões musicais ocidentais, são possíveis de serem alcançados, por todas as



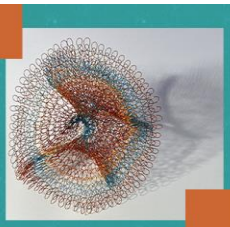
crianças típicas e atípicas, desde que seu tempo de desenvolvimento músico-vocal seja respeitado.

A comunidade se beneficia de experiências gratuitas, artísticas e educativo-musical, conduzidas pela comunidade acadêmica. A experiência artística se dá na apreciação visual e auditiva do produto musical coletivo apresentado à comunidade – às vezes, em seu espaço, e outras vezes em espaços que a comunidade resiste em ocupar, como é o caso de Teatros, localizados no centro do município. Por sua vez, a experiência educativo-musical da plateia se dá quando, em alguns momentos do concerto, entre uma canção e outra, o público é convidado a reproduzir atividades musicalizadoras, próprias da rotina dos coros.

Enquanto a comunidade escolar e familiar executa ações complementares, fundamentais à expressão artística, tais como a elaboração de cenários, de figurinos, a arrecadação de fundos e a performance instrumental, dentre outras ações negligenciadas no escopo desse trabalho, otimizamos nosso tempo, dedicando-nos estritamente ao trabalho musical. Mas, também, aprendemos com a comunidade a cuidar de aspectos não-musicais, necessários à performance artística final, mas ausentes na nossa formação pedagógico-musical.

Em síntese, compartilham-se saberes, práticas, e repertório legitimado ou não, no campo do coro infantojuvenil. É nesse diálogo entre universidade e comunidade externa, na soma das ações produzidas por ambas, que se dá a nossa interação dialógica. Substituímos o discurso de que a academia é detentora e produtora de conhecimento e entendemos que precisamos da comunidade para nos ensinar os saberes que nos falta. Ao trabalharmos em conjunto e nas comunidades, oxigenamos nossas práticas, que, por muito tempo, mantêm-se cristalizadas, entre as quatro paredes da universidade.

Talvez, essa seja uma das possíveis formas de se criar um “lugar híbrido”, tão defendido por Nóvoa (2017), esse entre-lugar, de colaboração entre sujeitos



oriundos de diferentes espaços, que cria uma terceira realidade: uma ciranda colaborativa, que organiza os sujeitos em posição não hierárquica.

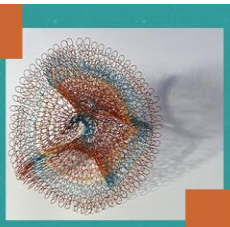
Nesse contexto, a proposta do programa de ensino de música para um público plural, ou não-seleto, propicia, a longo prazo, a desconstrução de uma noção, surgida no meio artístico e naturalizada no senso comum, de que a aprendizagem musical é determinada pela posse individual de um "dom", de um "talento inato". A partir dessa postura, não avançamos em absolutamente nada, com relação às teorias de aprendizagem musical. Apenas coadunamos com as variadas propostas de educação musical, previamente existentes, que apresentam como premissas as ideias de que: i. a desafinação vocal faz parte de um desenvolvimento musical natural, podendo ser mitigada pela vivência de experiências músico-vocais (VAILLANCOURT, 2012; WELCH, 2002, 1986; RUTKOWSKI, 1990) e ii. o talento é construído culturalmente, por meio da prática musical (ILARI, 2012).

Embora não haja avanço, conseguimos romper, como desejávamos, com o modelo educacional de práticas e crenças instaurados no Brasil, na ocasião do Canto Orfeônico, que ainda é referência em muitos contextos brasileiros.

MANTENDO A CIRANDA EM MOVIMENTO

Esse relato se propôs a desvelar os sujeitos, que juntos desempenham diferentes papeis, e suas ações, na estruturação e na execução de um programa extensionista de coros infantojuvenis, junto a comunidades escolares e do terceiro setor, no âmbito de um curso de Licenciatura em Música.

Os fundamentos teóricos apresentados tornam evidente a importância da comunidade na construção e na partilha do conhecimento, muitas vezes, ausente na formação docente e, por vezes, não legitimado pela comunidade acadêmica.

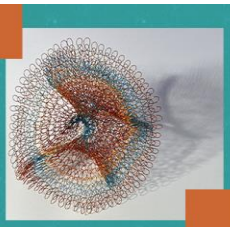


Conforme demonstrado, a estruturação e execução de uma proposta de educação coral infantojuvenis torna-se mais possível, a partir da colaboração de uma multiplicidade de sujeitos, cujas ações espelham suas habilidades, incorporadas em suas vivências, das quais a comunidade acadêmica se beneficia e apre(e)nde. A comunidade acadêmica oferece técnica vocal, repertório de canções, vivência e letramento musical. A comunidade externa nos ensina e resolve questões logísticas, tal como a confecção de cenários e figurinos, a construção de espaços paralelos que ampare crianças muito novas, além da produção de recursos financeiros, expande nosso repertório, ao apresentar outro historicamente não legitimado e nos orienta com relação aos princípios da educação especial. De outra forma, é possível afirmar que a universidade não daria conta de tantas diferentes dimensões existentes em torno de tal proposta.

Mas essa ciranda apenas começou a girar, sendo necessário mantê-la em movimento, por meio de um repertório filosófico, que nos oriente na construção desse entre-lugar de interação dialógica. Precisamos concretizar e fortalecer esse um lugar comum, entre a universidade e a comunidade, no qual os diferentes conhecimentos sejam igualmente valorizados e não hierarquizados.

Reconhecemos, portanto, a necessidade de se pensarem estratégias que tornem os representantes da comunidade protagonistas de ações mais centrais do programa, tais como: i. atribuir-lhes a condução musical dos coros infantojuvenis, dando-lhes, quando necessária, uma orientação pedagógica; ii. a formalização de uma comunidade de pais, que gerenciem as demandas musicais e burocráticas dos grupos; iii. construir uma comunicação científica, em colaboração com esses sujeitos, dando-lhes o devido crédito nas publicações.

E, por fim, consideramos importante a publicidade de propostas semelhantes a essa, que desvelem ações compartilhadas entre universidade e comunidade externa, para que conheçamos novas possibilidades de interação dialógica e de



estruturação dessa terceira realidade, por meio da qual surjam novos conhecimentos e práticas. Além de promover a publicação de relatos de experiência, em parceria com gestores escolares, responsáveis pelos coristas e músicos locais, seria também interessante a realização de pesquisas longitudinais, que apresentassem resultados sobre o desenvolvimento músico-vocal desses coros não seletos, fortalecendo a filosofia de que a aprendizagem musical pode se dar pela imersão na vivência.

Referências:

BARTLE, Jean Ashworth. *Sound Advice:* Becoming A Better Children´s Choir Conductor. New York: Oxford University Press, 2003.

BOURNE, Patricia. *Inside the Elementar School Chorus*: Instructional Techniques for the Non-Select Children´s Chorus. Dayton: Heritage Music Press, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.7 de 18 de dezembro de 2018a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808>. Acesso: 01 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. Brasília, 2018b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#:~:text=A%20Base%20Nacional%20Comum%20Curricular,e%20modalidades%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica.>. Acesso 12 abr. 2024.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário escolar da Língua Portuguesa Silveira Bueno*. – São Paulo: DCL, 2018.

CAVALCANTI, Kessy Michelle Costa; SILVA, Anna Paula Pereira da; GOMES, Alizete Maria Maneira. Avaliação na Formação de um coro infantil da escola básica Dim Helder. *In:* CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL DA ISME, XI. Educação musical latino-americana: tecendo identidades e fortalecendo interações. *Anais*. Natal, 08 a 11 de agosto de 2017, p. 1 – 10. Disponível em: < http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/isme/2017/paper/view/2327>. Acesso: 28 jan. 2024.

CRUZ, Gilsele. O Coral Infantil. In: CRUZ, Gisele (Org.). *Canto, canção, cantoria* – Como Montar um Coral Infantil. São Paulo: SESC Consolação, 1997.

FERRARA, Maria Amorim. Técnica Orfeônica. *Revista do Ensino*. Orgam Official da Directoria da Instrução, Bello Horizonte, Anno XV, n. 184, p.46-73, jan./mar.1947. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175010>. Acesso: 26 jan. 2024.

FONSECA, Hilda S. Soares. Orientação Musical de acordo com o Desenvolvimento Psíquico da Criança em Idade Escolar. *Revista do Ensino*. Orgam Official da Directoria da Instrução, Bello Horizonte, v.30, n. 210, p.103 - 113, dez. 1961. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175010>. Acesso: 26 dez. 2023.

FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e Fios*: Um ensaio sobre música e educação. 2ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Editus, 2012. Disponível em: <www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

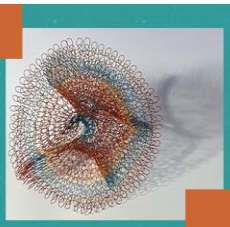
ILARI, Beatriz. Shinichi Suzuki: A educação do talento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Editora IBPEX, 2012.

MORAIS, Luciane Pereira de. A Prática Coral na Educação Básica: uma abordagem transdisciplinar em prol do desenvolvimento humano. *ouvirouver,* Uberlândia, v.14, n.1, p. 182 – 193, jan.jun. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/39790>. Acesso: 24 jan. 2024.

MOREIRA, A. L. I. G.; SILVA, V. A. CANTO CORAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: COMO, POR QUE E PARA QUÊ?. In: JART - JORNADA DE ARTES DA UEMS: para que serve o ensino das Artes na escola?, 2018, CAMPO GRANDE. *ANAIS DO JART* - ATO V. CAMPO GRANDE: EVEN3, 2018. v. 1. Disponível em: < https://www.even3.com.br/anais/jart/ >. Acesso: 18 de jan. 2024.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n.166, out./dez. 2017, p.1106-1133. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 26 jan. 2024.

PHILLIPS, Kenneth H. *Teaching Kids to Sing*. 2ed. Boston: Schirmer Centage Learning, 2014.



RUTKOWSKI, Joanne. The Measurement and Evaluation of Children´s Singing Voice Development. *The Quarterly*, vol. 1, n. 1 & 2, 1990, p. 81 – 93. Disponível em: <http://www-usr.rider.edu/~vrme/v16n1/visions/spring10>. Acesso: 28 jul. 2021.

SCHIMITI, Lucy Maurício. O ensaio. In: CRUZ, Gisele (Org.). *Canto, canção, cantoria* – Como Montar um Coral Infantil. São Paulo: SESC Consolação, 2003.

SOBREIRA, Silvia. O canto escolar. *In*: Silvia Sobreira (Org.) – *Desafinando a escola*. 1ed. Brasília: Musimed, 2013.

VALLAINCOURT, Josée. Le developpment de la voix chantée chez l´enfant et la formation des enseignants de musique : un lien manifeste. In : *La voix et léducation musicale*: Contribution à la réflexion et à l´action pédagogique (II). Org. Pascal Terrien et Jen-Luc Leroy. Paris: L´Harmattan, 2012.

VASCONCELLOS, Branca de Carvalho. O canto nas escolas. A Voz. *Revista do Ensino*. Orgam Official da Directoria da Instrução, Bello Horizonte, v.2, n.16 - 17, p.322 - 326, jul./ago. 1926. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175010>. Acesso: 26 dez. 2023.

WELCH. Graham F. Early Childhood Musical Development. *Research Studies in MusicEducation*, 11 (1), Aug. 2002, p.113 – 128. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/225267334_Early_Childhood_Musical_Development>. Acesso: 28 jul. 2021.

WELCH. Graham F. A Developmental View of Children´s Singing. *British Journal of Music Education*, v.3, n.3, November 1986, p. 295 – 303. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/231925390_A_Developmental_View_of_Children's_Singing>. Acesso: 21 jul. 2021.

Débora Andrade
Possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Mestrado em Música, Especialização em Educação Musical e Bacharelado em Regência (2004) pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui, também, experiência com o ensino de música (Maternal 3 ao 5º ano/9) e canto coral (5º ao 9º ano) na Educação Básica. Atualmente, é professora na área de Educação Musical/Regência de Coro Infantil do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São João del-Rei, onde coordena o "Programa Benke: corais infanto-juvenis da UFSJ" (PROEX).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9901-7501
E-mail: deboraregenciacoralinfantil@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE


Carolina Vilela Domingues
Carolina Vilela é violonista, cantora e artista textil.Desde 2020, estuda Música (Licenciatura), com ênfase em Violão, na Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais. Atualmente é extensionista no Programa de Extensão Benke: corais infantojuvenil da UFSJ.Tem seu foco de pesquisa e atuações em grupos que visam a participação de mulheres na música.
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-9541-7989
E-mail: carolesdom@aluno.ufsj.edu.br

Lorena Vaz Gonçalves
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-6025-8636
E-mail: lorenavazg@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 31 de janeiro
Aceito em 24 de abril de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/